



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JAQUELINE SANTOS REIS

**GORDOFOBIA E INTERSECCIONALIDADE:
REPRODUÇÕES E ENFRENTAMENTOS NO AMBIENTE ESCOLAR**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

JAQUELINE SANTOS REIS

**GORDOFOBIA E INTERSECCIONALIDADE:
REPRODUÇÕES E ENFRENTAMENTOS NO AMBIENTE ESCOLAR**

Pré-Projeto de Pesquisa apresentado como requerimento para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Benitez Martins.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

JAQUELINE SANTOS REIS

**GORDOFOBIA E INTERSECCIONALIDADE:
REPRODUÇÕES E ENFRENTAMENTOS NO AMBIENTE ESCOLAR**

Pré-Projeto de Pesquisa apresentado como requerimento para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês.

Data de aprovação: 07/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Carla Benitez Martins (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Caterina Alessandra Rea

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA DE PESQUISA	8
3	OBJETIVOS	8
3.1	GERAL	8
3.2	ESPECÍFICOS	8
4	JUSTIFICATIVA	9
5	REVISÃO TEÓRICA	10
6	METODOLOGIA	13
7	CRONOGRAMA	14
	REFERÊNCIAS	15

1 INTRODUÇÃO

A gordofobia é um ato preconceituoso dentro da sociedade que ocorre com pessoas gordas a partir da compreensão de que não possuem e performam um corpo com curvas perfeitas que leva a um padrão belo em nosso círculo, um corpo considerado disfuncional e anormal. Nesse sentido, também importa destacar que, ao contrário dos homens, as mulheres experimentam mais opressão sobre os seus corpos, sendo também os principais alvos da gordofobia:

“[...]O homem, desde que nasce é percebido como um ser soberano. Biologicamente falando, o homem nasce e há um certo tipo de reverência sobre suas partes genitais, sendo exaltado todo o poder de ser macho; sobre a mulher, por sua vez, há um certo mistério: seu sexo a diminui num espaço de ser apenas uma menina, capaz de brincar de boneca e se preparar desde cedo para ser uma boa esposa, mãe e dona de casa. Pertencer ao segundo sexo implica em uma visão social e cultural, colocando as mulheres como objeto do “sexo”. Nesse diapasão, sabe-se que é dada uma ênfase, principalmente no corpo e na sexualidade das mulheres. De modo contrário, o homem é visto como o primeiro e isso também está relacionado às suas capacidades de conhecimento. (LIMA, Andressa Bessa Machado et al. Pag. 105).

Enquanto esse poder proporciona ao homem obter direitos e privilégios sociais, à mulher restam expressões múltiplas de violência, baseadas em um rebaixamento social. Quando as mulheres se tornam gordas, a aflição multiplica por conta do preconceito juntamente com as limitações sociais a elas impostas.

Como se não bastasse esse necessário delineamento de gênero para tratar de nosso tema de pesquisa, desde já frisamos que a gordofobia se encontra com o racismo, em perfeita aliança para classificar determinados corpos como abjetos e, assim, proporcionar marginalizações e violências.

Muitos dos estudos e reflexões sobre o tema da gordofobia partem das próprias vivências desses que os protagonizam. É o caso de Virgie Tovar, uma escritora especialista das principais discriminações sobre peso e imagem corporal atual, uma mulher feminista palestrante e ativista gorda que ficou conhecida graças à luta contra a gordofobia e lançou o livro “Meu Corpo, Minhas Medidas”. Tavar nasce em uma cultura que prioriza padrões que faz com que ela se sinta uma pessoa fora deles e percebe a necessidade de se encaixar neste grupo da beleza, decidindo mudar sua alimentação, o que a leva a perceber a opressão vivida.

Sua infância marca a sua vida com transtornos alimentares, casos de gordofobia e violências por parte de profissionais médicos por ela conhecidos e frequentados. De maneira muito significativa e abrangente, os principais traumas tendem a surgir na infância. A fase infantil traz consigo aprendizado de modo que qualquer ocorrido marcante e perturbador causa isolamento ao indivíduo, denominando-se trauma. A gordofobia é um trauma crônico que afeta a autoestima de um ser humano. Sabemos que as ofensas muitas vezes partem dos próprios entes queridos e aqui afirmamos que o que ocorre em casa é vivenciado dentro das instituições escolares, afetando o psicológico dos estudantes, causando adoecimentos e até mesmo violências extremas, como o feminicídio e o suicídio, em alguns casos.

Por isso, nesta pesquisa nos propomos a entender a gordofobia no ambiente escolar, desde o seu encontro com o racismo e o sexismo, analisando o fenômeno e buscando captar as saídas pedagógicas para o seu enfrentamento.

O controle excessivo dentro da sociedade no modo de viver com domínio aos corpos fiscalizados, possibilita uma padronização ao corpo por uma beleza fomentada de um corpo magro e branco, mas a diversidade da população mostra variedade de corpos e o mais atingido com esse padrão é o corpo gordo que sofre com discriminação, exclusão e repúdio com uma série de preconceitos na vida social.

Há grandes dificuldades por haver a falta de adequação dos espaços sociais a pessoas gordas, que deveriam ser adaptados a todos os tamanhos por conta da diversidade de peso, já que o Brasil possui uma vasta população acima do peso.

Os indivíduos que não se enquadram nos padrões sociais estão escalados como inferiores aos demais, assim como o preconceito racial. Munanga destaca que o Brasil é um País racista que mata, fisicamente e psicologicamente pois esconde sua verdadeira face em relação ao racismo, já que os cidadãos cometem preconceito e racismo uns com os outros sem ao menos perceber através de diálogos e atitudes por conta da ocultação deste problema. ([observatoriodiversificaufpb](#), 29 de ago. de 2019)

[...]Tendo em vista que a gordofobia é um fenômeno social, que também se manifesta no campo escolar, ela pode ser relacionada como interposição ao desenvolvimento humano, tanto no campo social, quanto no educacional e cultural, tornando-a um problema da escola, uma vez que pode ser um dos motivos de haver violência e mal estar entre os membros escolares (Gonçalves e Souza, 2021, pg.8)

Segundo Silva:

Ser gordo em nossa cultura gera repercussões não apenas na expectativa com saúde e mortalidade, mas gera um ambiente de julgamentos e interações que extrapolam qualquer cuidado com a saúde pública e privada. É nesse momento que temos que falar do preconceito, mais especificamente, o da gordofobia (Silva, 2017, p. 68).

O corpo magro obteve grande valor na sociedade, com suas curvas formando assim uma beleza “ideal” para o corpo, sendo elemento dominante em todos os âmbitos sociais e subjetivos e, cumpre salientar, muito lucrativo. Na Idade Média, mulheres com o corpo gordo eram vistos como sinal de poder. O corpo gordo nem sempre foi rejeitado, mas com o tempo houve uma enorme mudança do ser ideal na população, tornando uma população agressiva, preconceituosa e discriminatória, pois o que era odiado passou a ser amado e o que era amado passou a ser rejeitado com olhares preconceituosos por desaprovação de não pertencer a imagem corporal exigida socialmente. As pessoas acima do peso, na verdade, procuram ser aceitas pela sociedade, mesmo com um padrão totalmente diferente e quando isso não ocorre há ainda maior sofrimento físico e psíquico.

Segundo Bilge e Patrícia:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. (Bilge, Patrícia, 2020)

Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humana. (Bilge, Patrícia, 2020)

Interseccionalidade é uma sensibilidade analítica que percebe o racismo, o capitalismo e o patriarcado que existem junto e de maneira inseparável qualquer um que decide lutar pelo racismo, também precisa lutar pelo machismo, gordofobia, e outros aspectos pois existe uma matriz que opera essas opressões de maneira simultânea.

Estes fenômenos também serão pesquisados em São Francisco do Conde, mais especificamente no Instituto Municipal Luiz Viana Neto, pelo histórico pessoal de violências ali sofridas.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

A gordofobia é um fenômeno social e acaba sendo, inevitavelmente, apresentada nas escolas. O ambiente de preconceito é absorvido e reproduzido nesta instituição, acarretando violências entre crianças e adolescentes ou mesmo estimuladas por suas famílias e por adultos trabalhadores do espaço educacional. Especialmente entre crianças e adolescentes, esta violência vem sendo lida como uma das formas de bullying escolar.

Desse modo, neste projeto de pesquisa nos interrogamos intelectualmente:

Quais iniciativas a gestão escolar e a equipe pedagógica toma ou pode tomar para prevenir e enfrentar a gordofobia (sexista e racista) no ambiente escolar?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

O objetivo geral deste trabalho é compreender o significado e os impactos da gordofobia, associada ao racismo e o sexismo, como esta violência social e sistêmica se expressa no ambiente escolar, buscando captar as alternativas de enfrentamento neste ambiente.

3.2 ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos seriam:

I. Estudar o significado da gordofobia na sociedade contemporânea, associando-a ao racismo e ao sexismo; II. Compreender os impactos da gordofobia no ambiente escolar: analisar como a gordofobia se associa ao bullying escolar; identificar as formas de enfrentamento pedagógico a essa violência no espaço educacional; III. Analisar esse fenômeno e as resistências no ambiente escolar de São Francisco do Conde, mais especificamente no Instituto Municipal Luiz Viana Neto, pelo histórico pessoal de violências ali sofridas.

4 JUSTIFICATIVA

No decorrer da minha vida passei por grandes preconceitos por ser uma pessoa acima do peso com palavras como feia. Uma certa vez um colega falou estou até imaginando você sem roupa e começou a rir e ouvir várias piadinhas uma delas foi Jabulani a bola da copa do mundo, já me jogaram pedras, fui chamada de cabelo de caçarema, ninho de assanhaço e outros chorei, me diminuí e pensei “por que viver em um mundo que não me aceita?”. E descobri que, na verdade, não importa como as pessoas me veem, mas como DEUS me vê e como eu me vejo.

Depois de várias situações em minha vida, optei por fazer esse pré-projeto com o intuito de demonstrar o preconceito, a discriminação com o gordo, tanto negro como branco, homens e mulheres, e suas diferentes situações, ainda que com a necessidade de reforçar o quanto o encontro da gordofobia com o racismo e o sexismo torna a situação muito mais difícil.

Esse conteúdo é importante ser implantado em debates, pois existem muitas vítimas de gordofobia na humanidade e muitos desses casos são escondidos da comunidade. Esse tema seria um divisor de águas para as escolas, pois nessas instituições existem muitos desses casos ocorridos em sala de aula e, assim, proporcionará ao próximo perceber o que palavras e gestos impróprios podem trazer às pessoas.

Nascer gordo ou se tornar gordo não é uma escolha, é um acontecimento que ninguém busca ser e, às vezes, para fugir dessa dor do preconceito o ser humano pode tomar decisões extremas e agressivas consigo mesmo.

A gordofobia é nada mais que um ato preconceituoso do ser humano por não aceitar estereótipos diferentes. Já parou para pensar que no mundo em que vivemos têm regras sociais e características tidas como superiores, por exemplo, se você for uma pessoa gorda e negra na sociedade aparentemente sua pessoa será vista como algum indesejável, pois não se enquadra aos padrões do belo, do normal, do adequado? Será que você só pode ser aceito no mundo se virar o que os outros querem? E onde você se encaixa? Poderá ser feliz vivendo os sonhos ou a vontade do outro? E a sua, onde fica? Já parou para analisar que independentemente de como o ser humano seja, ele pensa como você pensa, sente dor como você, é humilhado, passa por momentos difíceis e ruins. A vida é uma longa estrada a ser percorrida, mas será que passando por cima de outras pessoas seremos felizes?

É com essas inquietações que me acompanham por longo tempo em minha vida que decidi transformá-las em análise científica, buscando o rigor intelectual e a investigação para além das aparências para poder desvendar esse fenômeno social, para além de suas expressões individuais, e conseguir identificar como a escola ainda pode se tornar um espaço de cura e superação dessas violências, ainda que hoje continue sendo um espaço por excelência de sua reprodução.

5 REVISÃO TEÓRICA

A gordofobia está, de certa forma, impregnada e naturalizada na sociedade, possibilitando que uma parte da população gorda sofra com preconceitos e isso se materializa nas escolas, que não está alheia ao social e acaba por reproduzi-lo. Há toda uma historicidade dentro deste contexto.

As pessoas gordas sofrem por sentir o desprezo dos outros indivíduos através de olhares preconceituosos, julgamentos, piadas e outros aspectos que fazem a pessoa gorda se sentir incapaz de realizar ou fazer parte de alguns círculos por conta da sua forma física porque ser negro, pobre e gordo em nossa sociedade implica em não fazer parte desse vínculo, por ser considerado diferente.

E esse isolamento não se dá apenas nas relações interpessoais ou no impacto subjetivo e da autoestima da pessoa gorda e negra, faz-se fundamental salientar que este preconceito enraizado socialmente e cultivado cotidianamente na mídia, na família, nas escolas, impacta a própria possibilidade e oportunidade de trabalho. Há uma construção estereotipada de que a pessoa gorda é preguiçosa, lenta e, em muitas circunstâncias, acaba por ser preterida em postos de trabalho ou de ocupar posições de liderança e maior protagonismo.

O estereótipo definido como o perfeito é uma ilusão, pois idealiza algo que é impossível à maioria das pessoas em um país diversificado como o Brasil. Os autores abaixo começam a explicação sobre a gordofobia ilustrando elementos do cotidiano da vida social, de perpetuação da exclusão e humilhação por parte das próprias instituições públicas e privadas, que não se adaptam às pluralidades de corpos:

[...]existe a opressão implícita, isto é: Os equipamentos públicos, como os meios de transporte, não são feitos para corpos de tamanhos maiores. Carro, ônibus, avião e até mesmo elevadores não existem para pessoas gordas. Os

cintos de segurança só vão até certo ponto, o tamanho dos assentos só acomoda até certo peso, há elevadores que definem a quantidade de pessoas e peso máximo, contando que as pessoas pesem em torno de 70 quilos. O que falar das cadeiras que são ou frágeis, ou pequenas demais para determinados corpos? Apesar de milhões de pessoas gordas no país, estas não são reconhecidas e consideradas em espaços públicos adaptados. (Gonçalves e Souza, 2014, p.5)

Diante dos estudos feitos até o momento da elaboração deste projeto de pesquisa, percebe-se que a formulação da discriminação não está ligada só com pessoas gordas, mas também em relação com o racismo e o sexismo, tornando as violências mais agudas.

Ademais, os impactos na formação subjetiva da pessoa gorda, especialmente ao tratarmos de crianças gordas, é incomensurável e muito daninho, pois “sob pena de olhares reprovadores e de discriminação, que visam impedir a proliferação do que não foi definido, muitos indivíduos sujeitam o seu corpo à instrumentalização na ilusão do domínio sobre os mecanismos biológicos e sociais.” (Gonçalves, Saousa, 2014, p.38).

Sobre os estereótipos ensinados desde a infância, Adichie (2017, p.28) disse que os “estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade”. Assim, Linhares e Santos afirmam que:

De fato, é difícil nos despir de tais estereótipos, porém, é nossa missão como educadoras ensinar nossas crianças o respeito à diversidade, à valorização da mulher, que o machismo mata e o feminismo liberta. Também é importante demonstrar que as mulheres lutam por visibilidade” (Linhares, Santos pg.402). O estereotipo foi incorporado de tal maneira na vida humana e na classe baixa que as próprias pessoas de renda mínima acabam cometendo preconceito, discriminação e racismo sem nem mesmo perceber algumas vezes por ter sido adicionado como algo normal na sociedade e é necessário propor um ensino que foque em diminuir o desrespeito, o bullying, o modo de olhar o outro por sua cor e outros. “[...], porém, em muito precisamos melhorar como sociedade para sermos mais justos e democráticos. Um exemplo é a maior participação das mulheres na política para, assim, dialogarmos sobre temáticas femininas que são atualmente decididas por homens no congresso[...]. O machismo e o desrespeito com nosso corpo atingem todas nós na rua, em casa, entre amigos e familiares, até no trabalho. (Linhares, Santos, 2022, pg.403)

Especialmente sobre as mulheres, o ambiente opressivo, de violência, discriminação e opressão por conta de uma necessária padronização, faz com que parte das mulheres se submetam a algumas cirurgias nos seios, no bumbum, no abdômen, para obter a “barriga chapada”, os seios atraentes, o corpo desejado. E,

mesmo com toda essa modificação, elas continuam se sentindo feias e alterando continuamente o corpo, à procura da beleza perfeita não existente, ocorrendo casos de morte em mesa de cirurgias e, assim, ainda são apontadas como culpadas por fazer cirurgias desnecessárias. Mas, importa salientar que toda essa busca se deve ao preconceito, pois “[...]a exigência de que mulheres sejam sempre bonitas, como se fosse uma obrigação ao gênero feminino, é mais enfatizada em se tratando de mulheres gordas (...) porque as dietas fazem as mulheres questionarem suas próprias vontades.” (Almeida, 2018)

Às pessoas menos favorecidas economicamente sempre foi destinado obterem o pior, pois os impactos para a sua saúde - desde esta imposição de padrão físico - e para a sua inclusão social são muito maiores. Por todos esses elementos que nos salta a vista o quanto o estudo da gordofobia só nos será útil e possuirá relevância teórica e social se construído desde uma perspectiva interseccional, encarando a mutualidade dessas dimensões de exploração e opressão.

Esse constante enfrentamento à opressão, discriminação e violência é um fator recorrente que possibilita uma melhor convivência no mundo atual. Então, essas lutas ocorrem para desconstruir esse papel desvalorizado e inferiorizado fornecido às mulheres, gordas e negras, possibilitando alcançar espaço de igualdade e respeito, desconstruindo o olhar preconceituoso e predominando o seu verdadeiro potencial. Neste espectro das lutas sociais contra todas as formas de dominação e opressão, não podemos deixar de destacar o papel de destaque que pode desempenhar a escola na construção de uma cultura emancipatória, de respeito e valorização dos direitos humanos.

Ana Linhares e Alandienis Santos destacam em um seu artigo que é necessário implementar sugestões de plano interdisciplinar sobre o feminismo nas escolas, para que as crianças possam ter uma visão sobre questões referentes à real situação no mundo em relação às mulheres e suas dificuldades. De nossa parte, acrescentamos ao pensamento das autoras, a necessidade de que tais planos interdisciplinares conectem a essas outras dimensões de opressão, como a gordofobia e o racismo, aqui mais centralmente analisadas.

Poder realizar um levantamento bibliográfico que evidencie quais são os acúmulos teóricos e de experiências de enfrentamento a essas opressões será valioso para superar a perspectiva do ambiente escolar meramente como reprodutor dessas violências. E será com essa bagagem que chegaremos à pesquisa de campo,

realizando um exercício de aproximações e distâncias dessas experiências e acúmulos com a realidade escolar de São Francisco do Conde.

6 METODOLOGIA

Aqui serão abordados aspectos metodológicos que pretendem ser aplicados na realização desta investigação científica. A pesquisa demonstrará o preconceito na sociedade que perpassa toda a comunidade e como as instituições reagem aos acontecimentos voltados para a gordofobia, racismo e sexismo, especialmente refletindo sobre o papel das escolas. Este estudo tem por finalidade realizar uma pesquisa qualitativa que “ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. (Godoy, 1995)”.

Utilizarei artigos, livros, dissertações e teses e outros materiais audiovisuais que me possibilitarão alcançar alguns conteúdos a respeito da gordofobia na sociedade/escola para chegar ao propósito da pesquisa.

Ademais, a pesquisa será complementada com uma pesquisa de campo, constituída de observação participativa, construção de diário de campo e realização de entrevistas com alunos, professores e diretor (a) no Instituto Municipal Luiz Viana Neto, escola de ensino fundamental anos finais em São Francisco do Conde, para, assim, analisar a situação com mais materialidade desde a nossa realidade social.

REFERÊNCIAS

ABREU RANGEL, Natália Fonseca. A EMERGÊNCIA DO ATIVISMO GORDO NO BRASIL en.wwc2017.eventos.dype.com.br

ALMEIDA, Lysia da Silva. “Você pode ser gorda: questões para os feminismos”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 2, e67775, 2020.

ANDOZIO, Juliana et al. Sexismo e o machismo na música: uma possível influência na formação e erotização de crianças e adolescentes. 2016. J Andozio - 2016 repositorio.ufsc.br TCC (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia de Ciências Humanas. Gênero e Diversidade na Escola. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/173746>, 16-12-17

AKOTIRENE, Carla Interseccionalidade / Carla Akotirene. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN 978-85-98349-69-5 1. Feminismo 2. Negras 3. Mulheres 4. Discriminação 5. Identidade social 6. Identidade de gênero 7. Opressão (Psicologia) I. Título II. Ribeiro, Djamila III. Série

CARVALHO, M. P. DE. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 109, p. 240–242, mar. 2000. MP Carvalho - Cadernos de Pesquisa, 2000 SciELO Brasil

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021 – books.google.com

ECO, Umberto. **História da beleza**. Difel 82-Difusão Editorial, 2004. <https://www.cursosavante.com.br/cursos/curso203/conteudo8017.pdf>

GASPAR, Ivone; ROLDÃO, Maria do Céu. Elementos do desenvolvimento curricular. 2014. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.2/3424>

GÊNERO E SEXUALIDADE OFERTADOS EM UM CURSO DE EXTENSÃO: OUTROS MODOS DE VIVENCIAR A UNIVERSIDADE. Autor (1): Jairo Barduni Filho; Coautor (1): Frederico Cordeiro Martins; Coautora (2): Roberta Lúcia de Sousa; Coautora (3): Luana Costa da Fonseca Gonçalves. Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri. A autoimagem corporal na anorexia nervosa: uma abordagem sociológica. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, p. 81-88, 2006. Disponível em <: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38562>.

MARCELINO, Luiza Pizolati; DE BONA, Bruna Carolini. Espelho, espelho meu, que corpo é esse, que não é o meu? Produção científica sobre corpo feminino, Educação Física e mídia. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-22, 2021. LP Marcelino, BC de Bona Motrivivência, 2021 - scholar.archive.org. disponível em: <https://scholar.archive.org/work/vao3eq2psbgrredcvmjwnsqwqe/access/wayback/https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/76263/46538>.

OLIVEIRA NERY, Joseanne. GORDOFOBIA. **Encontros de Iniciação Científica UN17**, v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: **MP Carvalho - Cadernos de Pesquisa, 2000 - SciELO**

Brasil ABREU RANGEL, Natália Fonseca. A EMERGÊNCIA DO ATIVISMO GORDO NO BRASIL en.www2017.eventos.dype.com.br

RODRIGUES, Luiza Roure de Aguiar. As representações sociais do corpo feminino gordo na telenovela “Amor à Vida”. 2020. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/38562>

SANTANA, M. M.; SANTOS DA SILVA, V.; ALVES DA SILVA, A. J.; OLIVEIRA SILVA, A.

C.; ALVES DE OLIVEIRA, C. K.; GUIMARÃES COSTA, . A. ABORDAGEM DO BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE METODOLOGIAS ATIVAS: UM

RELATO DE EXPERIÊNCIA. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, [S. l.], v. 12, n. 27, p. 307–330, 2022. Disponível em:
<https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1675>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SANTOS, Alandienis Souza; LINHARES, Anna Maria Alves. Gestoras e os Casos de Sexismo, Machismo e Invisibilidade nas Escolas do Campo. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, n. 16-18, p. 399-408, 2022.

STELLA ANDERSON. Machismo ou Sexismo? **Revista Marxismo e Autogestão**, [S. l.], v. 1, n. 10, 2022. Disponível em:
<http://redelp.net/index.php/rma/article/view/1016>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SOUZA, V. C. da S.; GONÇALVES, J. P. GORDOFOBIA NO ESPAÇO ESCOLAR: uma análise histórico-cultural. *Revista Ciências Humanas*, [S. l.], v. 14, n. 1, 2021. DOI: 10.32813/2179-1120. 2021.v14.n1.a701. Disponível em:
<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/701>. Acesso em: 16 fev. 2023

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. Gordofobia, bullying e violência na escola: um estudo em representações sociais com pré-adolescentes. *Eccos - Revista Científica, São Paulo*, n. 60, p. 1-19, e 18893, jan./mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n60.18893>.

SOUZA, V. C. da S.; GONÇALVES, J. P. RELACAO ENTRE GORDOFOBIA E TEORIA HISTÓRICO CULTURAL: interfaces com a educação- *Revista Eletronica da PósGraduação em Educacao na Universidade Federal de Jatai*, volume, 17, n.2, ano 202. Disponível em: 89083, +A-Gordofobia+josiane .pdf

TOVAR, Virgie. Meu corpo, minhas medidas. Primavera Editorial, 2018. V **Tovar - 2018** - books.google.com